

ENTREVISTA

MARI MARGARETE DOS SANTOS FORSTER

Realizada em 21 de junho de 2016

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1970), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1979), doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997) e pós-doutorado em Educação pela Universidade de Lisboa e do Porto/Portugal (2009). Atualmente é professora-pesquisadora titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Planejamento e Avaliação Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: parceria universidade-escola, formação inicial e continuada de professores, cotidiano escolar, prática pedagógica e pedagogia universitária. Participa do Comitê Científico do GT-Didática ANPED e é avaliadora de cursos e institucional cadastrada no INEP.

PESQUISAR EM PARCERIA: DESAFIOS, LIMITES E POSSIBILIDADES

A Universidade e a Escola têm ensaiado algumas experiências em parceria na direção de uma formação docente mais qualificada. Como você tem observado a evolução desta possibilidade de trabalho?

Acredito e defendo a pesquisa em parceria Universidade/Escola/Universidade como uma possibilidade que pode efetivamente fazer diferença na formação de professores. A desconfiança de que a universidade, como agência formadora, está perdendo seu lugar, pois, pressionada pelas formações profissionais, tem obrigado as instituições a iniciarem um complexo processo de redefinição de sua missão. Há, portanto, um mal-estar tanto na universidade como na escola sobre seus papéis. De alguma forma, concordamos com Tardif (2000), quando diz que “é a *própria identidade das Ciências da Educação que está em*

jogo, [...] é a busca de equilíbrio entre as finalidades teóricas e prática, disciplinar e profissional que está em jogo na formação dos profissionais do ensino". O lugar e os significados dos saberes universitários colocados em questão, por um lado, as políticas públicas normativas e, por outro, as escolas e os professores responsabilizados pelo sucesso ou fracasso da educação, têm trazido a todos nós educadores/pesquisadores muito mais interrogações do que respostas. Também se observa, nas investigações realizadas neste campo, a existência de várias lacunas na formação de professores, das quais a mais séria parece-nos a falta ou a reduzida possibilidade de problematização, reflexão, autonomia por parte dos docentes. Isto tem impedido oportunidades de aprendizagens de práticas de liberdade e democracia, de entendimento crítico de acontecimentos e fatos educativos, sociais, culturais e de formas de interrogação do real; da mesma maneira tem dificultado o relacionamento entre a esfera de atuação ética, política e social e a esfera de atuação educativa e pedagógica. A tão difícil distinção entre atividade e prática, entre teoria e prática, entre conhecimento e competência e o papel que cabe à agência formadora na formação de docentes, hoje, mais do que nunca se agrava. Vivemos tempos marcados pela fragmentação, pelos aligeiramentos, pelas flexibilizações, pela produtividade e eficácia, aonde a formação de professores é, concomitantemente, um dos campos mais investigados e menos valorizados.

Como iniciou a sua trajetória de pesquisa em parceria com a escola?

Venho, com meu grupo de pesquisa, experimentando essa parceria através de vários projetos investigativos com a escola, por acreditar fundamentalmente que esse diálogo precisa ser intensificado.

Nos idos de 2003/2004 o PPG em Educação da UNISINOS tinha uma atividade curricular chamada "Fórum de Educação", em que os alunos apresentavam suas intencionalidades investigativas à comunidade da região geo-educacional que, de alguma forma, validava e complementava suas interrogações; nesta ocasião eu coordenava a edição do Fórum e, ao final da sessão, fui abordada por um grupo de supervisoras, orientadoras educacionais que atuavam na Secretaria Municipal de Educação e/ou nas escolas de Montenegro/RS.

Demonstraram interesse em realizar pesquisas para qualificar o seu trabalho e buscavam apoio da universidade. Para mim foi um achado! Sempre procurei estabelecer parcerias com as escolas, mas me parecia ser esse mais um desejo meu do que da escola. Depois, fui entendendo que as escolas se sentiam invadidas pela Universidade, que coletava dados e se utilizava dos mesmos sem necessariamente socializá-los com a própria escola. No momento que me contataram, estava concluindo um projeto investigativo e justamente construindo uma nova possibilidade de trabalho. Portanto, essa oportunidade chegou num momento certo: finalmente poderia construir de fato um projeto em parceria desde o início; um projeto que não seria um desejo só meu, mas de um município! E assim começou essa parceria que se prolongou por muitos anos.

Como foram os primeiros movimentos?

Iniciamos com reuniões na Secretaria Municipal e delas participaram diretores, orientadores e supervisores de algumas escolas; definimos o foco de interesse da investigação (indisciplina) e montamos em conjunto as linhas gerais do projeto. As reuniões se seguiram, agora alternando as escolas: estudamos muito sobre o tema, vivenciamos dinâmicas em que se socializavam dificuldades enfrentadas e juntos fomos compreendendo melhor o complexo fenômeno da (in)disciplina. A partir deste projeto foram se construindo outros tantos, sempre com a convicção que a escola é um espaço formativo privilegiado e como tal precisa se reconhecer.

Como se consolidou este trabalho?

Através de um longo processo, pois vínculos de confiança se fazem necessários e são conquistados paulatinamente; precisamos ir, aos poucos, nos conhecendo, nos ouvindo, nos respeitando, desmanchando preconceitos; a universidade não estava na escola para dizer o que era o melhor a ser feito, ou qual a melhor formação, mas acompanhando as ações e concepções educativas dos diferentes espaços, para compreendê-las e, a partir disto, desafiar os docentes a avançarem no que faziam ou mesmo a darem visibilidade ao que faziam. Procuramos trabalhar com

os sujeitos da prática, buscando processos coletivos de compreensão e interpretação desta, num movimento que potencializava a produção coletiva de conhecimentos e, ao mesmo tempo, organizava um espaço de co-formação, integrando pesquisadores e sujeitos da prática, que, aos poucos, foram se constituindo em pesquisadores da própria prática. Consideramos que o processo investigativo deve se organizar como um processo de formação coletiva.

Que aprendizagens foram conquistadas?

Neste processo coletivo que temos empreendido em instituições diferentes, algumas aprendizagens já foram realizadas e nos permitem afirmar:

- a condição primeira para se pesquisar junto é o desejo e a coragem de fazê-lo;
- pesquisar em parceria implica em se desacomodar, aceitando o desafio de construir uma nova relação cognitiva e interpessoal;
- pesquisar com o outro requer disponibilidade e flexibilidade para viver processos em constante movimento, com diversas avaliações e reorganizações em saberes já instalados;
- pesquisar colaborativamente exige tempo para que as integrações pesquisador/grupo, universidade/escola se efetivem;
- esses tempos são diferenciados, com graus de dispersão e profundidade diversos, embora possam ocorrer numa mesma circunstância;
- pesquisar em colaboração implica em entender que viveremos intensamente as contradições, as tensões e os conflitos cotidianos
- pesquisar colaborativamente implica em ouvir o outro, provocar e avançar.

Temos identificado e reforçado, também, como principais *evidências teóricas que*: a) a escola é, de fato, um espaço rico de contradições; b) os sujeitos que aí habitam têm potencialidades, produzem saberes que precisam ser publicizados; c) a forma como o sistema escolar e/ou escola funciona pode ser facilitador ou dificultador de aprendizagem e desenvolvimento profissional; d) o diálogo e a

reflexão apresentam-se como fundantes na conquista de espaços de aprendizagem; e) espaços e situações de reflexão e problematização compartilhados/coletivos facilitam o processo de desenvolvimento profissional, são formativos, mas podem ou não resultar em aprendizagem para a profissão; f) o trabalho pedagógico continuado e a identificação dos benefícios do mesmo sobre as aulas e os alunos favorecem a aprendizagem e o desenvolvimento profissional; g) a acolhida positiva e propositiva da equipe diretiva ao trabalho do professor, ouvindo-o e valorizando-o, favorece o desenvolvimento a aprendizagens profissionais; h) nem sempre mudanças de representações e discursos dos professores são acompanhados por mudanças nas práticas docentes; i) as ações humanas, sistematizadas em torno de processos instituídos, como é o caso da educação escolarizada, sendo tributárias da concepção de Estado, são portadoras tanto de forças regulatórias como emancipatórias; e j) a parceria Universidade/Escola/Universidade pode ser potencializadora de ações docentes mais qualificadas.

O que seria possível destacar como resultados?

Tenho clareza que a formação continuada não é resultado de um acúmulo de cursos, de conhecimentos, mas de um conjunto de ações que possam ser significadas pelos docentes que as vivem. Não posso atribuir exclusivamente aos projetos investigativos empreendidos por nós resultados positivos, mas destaco aspectos reconhecidos não só pelo grupo de pesquisa, mas pelos sujeitos que participaram das pesquisas/formações. Aponto, para exemplificar, alguns impactos/resultados:

- As escolas e os professores apresentaram um maior protagonismo e elevação da sua autoestima, autorizando-se como produtores de conhecimentos;
- As atividades pedagógicas desenvolvidas pela escola apresentaram movimentos mais interdisciplinares, mais inovadores, mais coletivos;
- As ações formativas na escola repercutiram positivamente sobre o desenvolvimento profissional do professor, implicando uma maior autoria e autonomia docente, bem como uma melhor aprendizagem discente;

- Houve evidências de rupturas epistemológicas, que interferiram não só no desenvolvimento profissional docente, mas na aprendizagem dos alunos;
- Houve uma maior fundamentação teórico/epistemológica das propostas pedagógicas das escolas envolvidas, assumindo mais significado para seus protagonistas;
- Intensificaram-se trocas e aprendizagens interinstitucionais, desencadeando outras possibilidades curriculares, por exemplo a criação de salas temáticas a docência compartilhada;
- Houve desmistificações na relação universidade/escola/universidade, estabelecendo-se vínculos que não só consolidaram a parceria, mas permitiram aprendizagens mútuas;
- Os integrantes do grupo se sentiram mais autorizados, porque baseados em dados empíricos, a proferirem palestras e discussões em rede de ensino pública e privada e em diferentes instituições universitárias sobre as temáticas investigadas;
- Houve maior e melhor sistematizações e socializações dos conhecimentos produzidos, com participação em eventos locais, nacionais e internacionais. O grupo de pesquisa teve seus estudos divulgados nos principais eventos nacionais da área da educação (ANPED, ANPAE, ENDIPE) e internacionais.
- Organizou-se livros e elaboraram-se artigos e capítulos de livros sobre temáticas suscitadas pela investigação; foram publicados trabalhos completos apresentados em anais de eventos;
- Decorrentes do trabalho investigativo/formativo, foram desenvolvidas dissertações de mestrado, teses de doutorado e trabalhos de conclusão de curso de graduação.
- As investigações têm continuidade agora com outras localidades e, nesse momento, ampliou-se o trabalho para pesquisas junto às equipes diretivas, por se constatar a importância da acolhida dos gestores à formação docente;
- Cabe registrar que da rede municipal de Montenegro, primeira parceira da pesquisa, ao longo do tempo de trabalho, alguns professores ingressaram no Mestrado e/ou doutorado em Educação.

Gostaria de acrescentar algo?

Temos aprendido muito com essas parcerias construídas especialmente na direção da crença de que são difíceis, mas possíveis. A universidade aprende com a escola e, da mesma forma, a escola aprende com a universidade! O pesquisador aprende com a pesquisa e a pesquisa aprende com o pesquisador. A pesquisa de um modo geral e a pesquisa-ação, de forma especial, tem nos ensinado que nos formamos enquanto pesquisamos. Para que isso aconteça, precisamos ter intencionalidade de fazê-lo, humildade no trato do conhecimento e abertura para desmanchar mitos. Esse aprender não se restringe a conhecimentos tácitos, nem mesmo aos ditos científicos; é um aprender que envolve sujeitos, pessoas diferentes, com histórias diversas que dão sentido à falta de sentido que habita os universos institucionais. Reconhecer que há saber no ofício docente, assim como reconhecer que há ofício no saber acadêmico, requer reconhecer o diálogo e a reflexão como possibilitadores de enfrentamentos, de problematizações constantes com vistas à construção de uma educação da melhor qualidade.

REFERÊNCIA

TARDIF, M.. Lugar e sentido dos conhecimentos universitários na formação de profissionais do ensino. In: GARRIDO, Susane, CUNHA, Maria Isabel GUE MARTINI, Jussara (Orgs.) **Rumos de Educação**, Pelotas, Faculdade de Educação/UFPel, ano 10, n. 16, p. 07-14, jan-jun., 2000.

